

Karl Marx (1818–1883):

Dizia que a religião era o "ópio do povo" — uma forma de manter os oprimidos calados e obedientes. Defendia um mundo sem Deus, fundado na justiça social e na igualdade. No entanto, ao tirar Deus da equação, abriu caminho para regimes autoritários onde o Estado passou a fazer passar-se de Deus. Em vez de trazer liberdade, os sistemas marxistas acabaram por perseguir quem pensava diferente, controlar a consciência das pessoas e causar milhões de mortes. Uma "liberdade sem Deus" acabou por transformar-se numa opressão sem limites.

Richard Dawkins (1941–):

Afirmou que o universo surgiu por acaso, sem qualquer propósito, bem ou mal — apenas com uma "indiferença cega". No entanto, ele critica a religião como sendo má e elogia valores como a compaixão, a justiça e a razão. Mas se, segundo ele, tudo é fruto do acaso e não existe moral verdadeira, com base em quê ele pode dizer que algo é bom ou mau? Se não há um padrão objetivo, como se pode elogiar ou condenar qualquer coisa?

Stephen Hawking (1942–2018):

Para ele, leis como a gravidade explicam a origem do universo, sem precisar de um Criador. Mas esta ideia não faz sentido. Se já existem leis como a gravidade, então já existe "algo" — não é o "nada". Além disso, as leis da natureza não têm poder para criar por si mesmas. Elas apenas descrevem como as coisas funcionam, mas não causam nada por si só. Dizer que o universo surgiu só por causa de leis físicas é como afirmar que uma fórmula matemática escreveu um livro sem precisar de um autor. A lei não cria o acontecimento — apenas o explica depois de acontecer.

Tudo isso mostra que os argumentos do ateísmo são apenas ideias que parecem científicas, mas na verdade não passam de opiniões sem base sólida. O seu apelo é mais emocional do que racional — critica muito, mas não traz soluções verdadeiras.

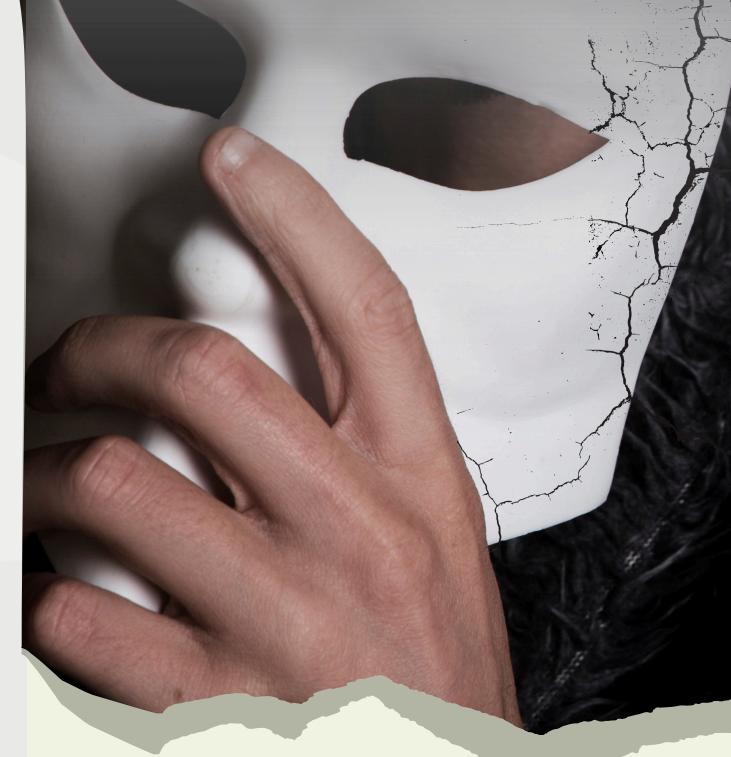
O ateísmo não responde às grandes perguntas da vida — simplesmente nega todas elas. Em vez de dar sentido, oferece vazio. Em vez de mostrar um propósito, fala em acaso. Por isso, muitos ateístas sentem um grande vazio espiritual, e há estudos que mostram uma ligação entre o ateísmo e os altos índices de suicídio em alguns países.

“O Islão é o único caminho com respostas que a humanidade procura.”

CONTATO

Website:
nuralislampublicacoes.com

Dúvidas? Fale conosco:
info@nuralislampublicacoes.com



O Ateísmo: Por detrás da Máscara

"Uma breve análise das origens, pilares e impactos do ateísmo moderno"

Preparado por:
Faisal al-Muzamibiqy

Mestrado pela Universidade Islâmica de Madinah



| DIVULGANDO O ISLÃO NA SUA FORMA ORIGINAL |

O QUE É ATEÍSMO?

É uma negação deliberada da verdade mais evidente para a alma humana: a de que existe um Criador, perfeito, sábio e digno de adoração. Embora alguns ateus possam, exteriormente, afirmar que são “neutros” ou “não convencidos”, a cosmovisão islâmica ensina que todo ser humano nasce com uma disposição natural (fitrah) que reconhece o Criador. A rejeição desta verdade não decorre da falta de provas, mas sim de uma distorção interior, arrogância ou do desejo de evitar prestar contas.

QUAL É A ORIGEM DO ATEÍSMO?

Embora já existissem pessoas que não acreditavam na existência de Deus desde os tempos antigos, o ateísmo, como uma ideia organizada, apareceu na Europa durante o período do Iluminismo (nos séculos XVII e XVIII). No entanto, não foi apenas uma resposta aos abusos de poder da Igreja, como frequentemente se alega. Mais profundamente, o ateísmo emergiu de:

- 1 Uma supervvalorização da razão humana na filosofia ocidental.
- 2 A ascensão do naturalismo e da ciência materialista, e
- 3 Um impulso cultural para libertar o homem da submissão a qualquer autoridade superior.

Assim, o ateísmo não nasceu de uma reflexão sincera — mas de orgulho filosófico, rebelião cultural e um desejo crescente de fazer do homem o senhor do seu próprio universo.

QUAIS SÃO OS PILARES DO ATEÍSMO?

1. Materialismo

Esta ideia defende que só existe o mundo físico — ou seja, tudo o que é espiritual seria apenas uma ilusão. Para o ateu materialista, sentimentos como o amor, os pensamentos, a alma e a consciência são apenas reações químicas no cérebro. Isso leva à visão de que o ser humano é apenas uma máquina biológica, sem valor verdadeiro por si só. Mas será que coisas como o amor, a beleza, a arte ou o arrependimento podem ser explicadas apenas como reações químicas? Qualquer pessoa com bom senso percebe que isso não faz sentido.

2. Empirismo

“Só é verdadeiro o que pode ser observado e testado.” Esta é a ideia do empirismo extremo — ou seja, a crença de que só o que pode ser percebido pelos sentidos ou medido pela ciência é realmente verdadeiro. No entanto, a própria ciência contradiz essa ideia. Há muitas verdades fundamentais, como o tempo, a lógica, a consciência e até a matemática, que não podem ser vistas nem tocadas. Negar essas coisas seria o mesmo que negar a base da própria ciência.

3. Relativismo Moral

Muitos ateus defendem que, se não existe um Deus que defina o que é certo ou errado, então a moral depende apenas da cultura, da opinião das pessoas ou daquilo que é mais útil num certo momento. Mas essa ideia vai contra aquilo que sentimos naturalmente na nossa consciência. Se tudo fosse “relativo”, então coisas como o genocídio ou o abuso de crianças não poderiam ser vistas como totalmente erradas — o que é claramente inaceitável para qualquer pessoa com sentido de justiça.

4. Humanismo

“O ser humano é a autoridade máxima.” Muitos ateus acreditam que o próprio homem deve decidir o que é verdade, o que é bom e o que realmente importa. Esta ideia surge como uma forma de tentar dar sentido à vida, por causa do vazio deixado pela falta de crença numa Divindade Suprema. Mas quando uma sociedade deixa de ter uma referência superior, acaba por seguir apenas os seus próprios desejos. Colocar o ser humano como medida de tudo pode levar à arrogância no pensar — e muitas vezes, à perda de valores e à ruína moral.

AS FIGURAS PRINCIPAIS DO ATEÍSMO

Ludwig Feuerbach (1804–1872):

Afirmou que “A consciência de Deus é a autoconsciência do homem.” Em outras palavras, ele acreditava que Deus não passa de uma criação da mente humana — uma ideia inventada para lidar com os medos e limitações da vida. Mas deixamos aqui uma pergunta para Feuerbach: se tudo o que o ser humano pensa sobre Deus é apenas fruto da imaginação, então como podemos ter certeza de que qualquer pensamento humano — inclusive a própria ideia de Feuerbach — seja verdadeiro? Ou seja: se as crenças religiosas são apenas invenções da mente, por que as ideias filosóficas de Feuerbach também não seriam apenas projeções sem qualquer valor real?